

## INVÓLUCROS: do substrato ao esvaziamento

“Vivemos numa expectativa do amanhã, um amanhã que nos aproxima da morte.” - Erika Malzoni

Se formos seguir a definição da palavra INVÓLUCRO segundo o dicionário, esta pode ser lida como aquilo que tem capacidade de cobrir, envolver, guardar, abrigar ou revestir tal qual um embrulho, uma bolsa, um recipiente, um saco etc.. Por um viés científico, trata-se de uma proteção constituída por bactérias ou o revestimento externo de uma célula, órgão. Sob influência da citação que abre este texto, arrisco-me incluir nas definições as instâncias físicas e representativas que o trabalho de Malzoni aborda. Por uma livre interpretação, o invólucro como o abraço da morte.

Me explico. Ao entrar na guarita da Oficina Cultural Oswald de Andrade nos deparamos com seu interior todo preenchido por sacos plásticos transparentes cheios por substratos descartados pela cidade, identificados com a data e o local da coleta de cada. Contudo não se trata de uma catalogação técnica ou científica, mas sim de uma identificação superficial como as que encontramos nas lapides: nome e data. A artista nada explica sobre estes objetos, apenas permite-lhes uma morte mais digna, involucrados e identificados. Aqui eles deixam de ser indigentes.

Se por um lado a ideia da morte é algo que pulsa nesta instalação, por outro é possível notar a presença da esperança. A apresentação destes invólucros no espaço remete as salas de ex-votos, testemunhas de uma promessa e de um desejo de vida. Neste sentido, quando Malzoni coloca estes itens descartados involucrados o trabalho que “fala” de morte também permite uma sobrevivência aos objetos. Pois, tal como os ex-votos, esta organização traça alguma perspectiva de mudança no ciclo dos substratos, mesmo que poética.

Mudança que podemos observar com mais clareza na instalação que encontra-se no foyer da Oficina Cultural Oswald de Andrade, onde os sacos plásticos estão vazios e virados de cabeça para baixo. Neste trabalho não há mais a presença do substrato, pois não existe a possibilidade do consumo excessivo. O que temos é o

esvaziamento, um respiro e – quem sabe - acordar sem a ideia de que o amanhã nos aproxima da morte.

Neste sentido, a exposição vai do colapso global ao apogeu do mundo utópico em um passar de passos, reflexo direto do estado em que vivemos: do substrato ao esvaziamento. É por este caminhar acelerado das coisas e da vida que a artista nos chama a atenção com seus invólucros, hora preenchido e hora impossibilitados de qualquer função. Duas instalações antagônicas sobre um mesmo tempo, ambas lutando contra o amanhã enquanto expectativa de morte.

Paula Borghi